



DESTAQUE RURAL Nº 22

Junho de 2017

ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA, ARMADILHAS DA POBREZA E DIVERSIFICAÇÃO DO RENDIMENTO ENTRE OS PEQUENOS PRODUTORES. O CASO DOS DISTRITOS DE GULJÁ, CHOKWÉ, E KAMAVOTA

Yasser Arafat Dadá¹

1. INTRODUÇÃO

O sector agrário tem sido importante para o crescimento económico em Moçambique, representando em média perto de ¼ do PIB. Este sector é composto, quase na totalidade, por pequenas e médias explorações, ou seja pela agricultura familiar. Segundo os dados do Trabalho de Inquérito Agrícola (TIA), nas zonas rurais vivem actualmente perto de 70% da população moçambicana, cuja principal fonte de rendimento é a agricultura (cerca de 80% das famílias rurais têm o seu rendimento directamente ligado à produção agrícola e uma parte significativa dos remanescentes 20% provêm de actividades não agrícolas, mas com fortes ligações com as actividades agrícolas locais) (TIA, 1996/97, 2002/03 e 2008/09)².

Nas últimas décadas, o rendimento médio por habitante observou importantes aumentos. Apesar disso, os dados dos Inquéritos ao Orçamento das Famílias (IOFs), demonstram que a pobreza foi, e continua sendo, um problema em Moçambique. Apesar da redução da percentagem da população pobre entre 2009 e 2014, o número absoluto de pobres aumentou devido ao crescimento demográfico, o que demonstra que o crescimento económico não conseguiu absorver o aumento populacional. As desigualdades sociais e territoriais aumentaram. Igual evolução se verificou entre o meio rural e os centros urbanos. Quando perto de metade da população está abaixo do limiar da pobreza, não é errado concluir que se está perante um “fracasso” dos diferentes planos e políticas desenhadas e implementadas pelo Governo de Moçambique. Assim, surge a questão central deste Destaque Rural: Quais as armadilhas da pobreza e as estratégias de produção dos pequenos produtores do Sul do Save?

A presente análise assenta na recolha de dados primários, obtidos a partir de 1200 questionários, em 2015. A reflexão aqui proposta inspira-se nos contributos das principais correntes teóricas e estudos empíricos, relacionados com as estratégias de produção dos pequenos produtores e das armadilhas da pobreza. Foi utilizado principalmente o método SEM³ e a análise do contexto. Para responder à pesquisa, foram seleccionados três distritos, considerando as especificidades económicas e produtivas, e em termos de mercados e consumo, nomeadamente: (1) Chókwe, na província de Gaza, historicamente agrícola e tradicionalmente reconhecido como um centro

¹ Mestre em Desenvolvimento e Cooperação internacional. Investigador assistente no Observatório do Meio Rural. Docente da Universidade Politécnica.

² Trabalho de Inquérito Agrícola.

³SEM é uma técnica de análise de dados multivariados que combina aspectos de regressão múltipla e análise de factores para estimar simultaneamente uma série de relações de dependência, Hair *et al.* (2014).

produtivo, e com dotação de factores de produção agrícolas; (2) Guijá, também em Gaza, onde a agricultura familiar é a actividade económica dominante, praticada sob o regime de sequeiro e de tracção animal. Como forma de garantir a fertilidade dos solos, assim como a racionalização das áreas de produção, a agricultura é praticada em consociação de culturas, onde as explorações variam entre 0,5 e 2 hectares (MAE, 2005); finalmente, (3) KaMavota, na cintura urbana de Maputo, onde, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE 2013), a produção é quase exclusivamente dirigida para o mercado interno, caracterizada pelo intenso uso de insumos, e pela proximidade dos produtores relativamente ao mercado urbano de bens e serviços. Contudo, a terra é explorada em pequena escala (CAP, 2000; 2010).

2. ESTRATÉGIAS, POBREZA E DIVERSIFICAÇÃO DE RENDIMENTO

Os resultados da análise não estão distantes dos encontrados nos exaustivos trabalhos do INE e o Censo Agro-Pecuário, CAP (2000 e 2010) e Censo da População (2007): (1) baixa posse de instrumentos de trabalho; (2) mercados de insumos relativamente próximos; (3) produção média por família relativamente baixa, aproximadamente 750 kg, e cerca de 1/3 destinada ao mercado; e, (4) produção feita em cerca de um hectare de terra.

A análise realizada permite constatar que:

- Existe uma correlação forte entre saúde, mercados e intervenção do Estado, que explica a segurança alimentar, o que por sua vez está relacionado com o nível de riqueza. Por outro lado, mas não menos importante, as famílias mais ricas beneficiam mais das melhorias relacionadas com a saúde e a intervenção do Estado do que os mais pobres (Caldarola, 2016). Este aspecto pode, de certo modo, transmitir diferentes estratégias e meios de subsistência que são postas em prática por famílias com diferentes condições de riqueza.
- Na linha de outras pesquisas do OMR, os resultados indicam que a estrutura da família (número de membros, sexo, nível de escolaridade, força de trabalho e dependentes) tem um efeito forte e positivo sobre a produção. Contudo, verifica-se um fraco poder explicativo da estrutura da família sobre o nível de escolaridade e membros do sexo masculino; de facto este resultado encontra ressonância em outros estudos recentemente realizados (Mosca e Dadá, 2013; Cunguara, 2011). Os membros do sexo masculino e os que têm algum nível de escolarização tendem a procurar actividades fora da agricultura, que proporcionam maiores níveis de rendimento.
- Depois da estrutura da família (número de membros, sexo, escolaridade, número de dependentes, etc.), o tamanho da terra cultivada e o capital fixo, são os factores que maior influência tem sobre a produção agrícola. (1) tamanho da terra cultivada - este resultado não é “novo”; estudos relacionados com a produção e seus determinantes em Moçambique, encontraram o aumento das áreas cultivadas como um dos principais determinantes do aumento da produção agrícola ao longo das últimas décadas (Mosca e Dadá, 2013b; Abbas, 2016; Cunguara, 2013). É importante sublinhar que o aumento da produção é principalmente justificado pelo aumento da superfície total cultivada resultante do aumento do número explorações e não da superfície média cultivada (Mosca e Dadá, 2013a); (2) capital fixo - importa referir que a produção é principalmente justificada por equipamentos intensivos em trabalho (enxadas, carroças e tracção animal). Este resultado já era esperado, pois os dados dos CAPs revelam uma importante redução de camiões, tractores, motobombas, entre outros equipamentos e um aumento também significativo de enxadas, carroças, tracção animal entre outros.
- A produção mostrou-se pouco sensível aos mercados, de compra e venda: (1) não se nega uma relação do pequeno produtor com o mercado de venda mas só para suprir necessidades pontuais e não tem necessariamente o lucro como objectivo e, (2) quanto ao mercado de compra de *inputs*, não se pode negar a fraca ligação dos pequenos produtores com o mercado de insumos agrícolas quando por exemplo menos de 5% das pequenas explorações usam pesticidas e ou fertilizantes (CAP, 2000; 2010). Diversos estudos realizados afirmam a existência de uma relação positiva maior entre a produção

camponesa e a superfície cultivada apresentada nos últimos anos, ou seja, com o aumento da área total cultivada, do que com capital (Mosca e Dadá, 2013b; Abbas, 2016; Cunguara, 2013). Não menos importante, é o fraco poder de armazenamento no período pós colheita que acaba por forçar a venda como forma de minimizar os riscos de perdas da produção (Mosca, 2015; Santos, 1999; e Sousa, 2013).

3. REFLEXÕES FINAIS

Em suma, a análise realizada ao longo do trabalho, permite-nos perceber que para o contexto em análise: (1) os níveis de riqueza influenciam no bem-estar da família, fazendo com que os mais “ricos” beneficiem mais do que os pobres da intervenção do Estado e de serviços de saúde; (2) os resultados demonstram que os pequenos produtores do Sul do Save apresentam uma estratégia de produção concentrada na sobrevivência, isto é, as lógicas de produção camponesa permanecem pouco integradas nos mercados.

Ficou constatado que a produção para o mercado não constitui o objectivo principal de produção. Os pequenos produtores dos principais centros urbanos conjugam o trabalho na agricultura com outras actividades que proporcionem algum rendimento adicional no mercado formal ou informal. Estas vendas são principalmente para aquisição de bens e serviços que cobrem necessidades básicas, o que revela o nível da pobreza urbana.

Esta constatação fundamenta a não verificação, mesmo nos centros urbanos, de alguma transformação estrutural, tanto no seio da agricultura (medido pelo tamanho das explorações, tecnologia intensiva em trabalho, relações com os mercados e baixo assalariamento), nas periferias urbanas como na economia (industrialização, serviços com criação de emprego). Semelhante conclusão pode ser retirada para a não diversificação das fontes de rendimento das famílias nos três locais estudados, o que contraria os documentos oficiais que afirmam existir uma inserção dos pequenos produtores das zonas periféricas das cidades nos mercados. Este estudo demonstrou que as fontes de rendimento extra agrícolas são de pequena importância.

Outros trabalhos revelam que os pequenos produtores a cintura verde de Maputo não têm recebido apoios públicos como acontecia, por exemplo, com o funcionamento do Gabinete de Zonas Verdes. A estrutura dos mercados e a acessibilidade a insumos e crédito colocam os pequenos produtores em desvantagem competitiva com os agricultores de média e grande dimensão de Gaza e província de Maputo e, sobretudo, com os bens importados da África do Sul.

BIBLIOGRAFIA

- Abdulai, A., Barrett, C., Hazell, P., 2004. Food aid for market development in Sub-Saharan Africa. *DSGD Discussion Paper n. 5*, International Food Policy Research Institute, Washington DC.
- CAP (2000). *CAP 1999-2000: Resultados definitivos*. Instituto Nacional de Estatística. Maputo, Moçambique.
- CAP (2010). *CAP 2009-2010: Resultados definitivos*. Instituto Nacional de Estatística. Maputo, Moçambique.
- Caldarola, B. (2016). *Poverty traps in southern rural mozambique: a structural equations modelling approach*. ISEG. Lisboa
- Chayanov, A. V. (1966). *The theory of peasant economy*, Kerblay y Smith. Manchester University Press. England.

- Cunguara, B., Garrett, J., Donovan, C. e Cássimo, C. (2013). *Análise situacional, constrangimentos e oportunidades para o crescimento agrário em Moçambique*. Direção de Economia. Ministério da Agricultura, República de Moçambique.
- Cunguara, B., Langyintuo, A. e Darnhofer, I. (2011). *The role of nonfarm income in coping with the effects of drought in southern Mozambique*. *Agricultural Economics*. Vol. 42. 701–713.
- INE (2007), Censo da População de Moçambique.
- INE (2013). *Estatísticas do distrito KaMavota*. Estatísticas oficiais. Moçambique.
- MINAGMoz, (2012). *Trabalho de Inquérito Agrícola 2002-2012*. Maputo.
- Ministério da Administração Estatal (2005). *Perfil de Chokwé*. Moçambique.
- Ministério da Administração Estatal (2005). *Perfil de Guijá*. Moçambique.
- Mosca, J. e Dadá, Y. A. (2013). *Contributo para o estudo dos determinantes da produção agrícola*. Observador Rural N° 5. Observatório do Meio Rural. Maputo.
- Mosca, J., Mucavel, V. e Dadá, Y. A. (2013). *Algumas dinâmicas estruturais do sector agrário*. Observador Rural N° 4. Observatório do Meio Rural. Maputo.